

Além disso, o seguinte: sou negra e mulher. Isso não significa que eu sou a mulata gostosa, a doméstica escrava ou a mãe preta de bom coração. Escreve isso aí, esse é o meu recado pra mulher preta brasileira. Na boa.

Lélia Gonzalez



Lélia Gonzalez

o feminismo negro no palco da história





PROJETO MEMÓRIA

Lélia Gonzalez

Carlos Drummond de Andrade
Rondon

Joo Cndido

Nsia Floresta

Paulo Freire

Josué de Castro

Oswaldo Cruz

Juscelino Kubitschek

Brasil 500 anos

Rui Barbosa

Monteiro Lobato

Castro Alves

Como se vê, criado em 1997, o Projeto Memória tem a missão de resgatar, difundir e preservar a memória cultural do País por meio de homenagens a personalidades que contribuíram para a transformação social e a construção da cultura brasileira. Sendo uma iniciativa da Fundação Banco do Brasil, nesta edição, o projeto conta com a parceria da RedeH.

O projeto oferece suporte a professores, pesquisadores e estudantes de todo o Brasil, por meio de peças desenvolvidas para contar a história de Lélia. São elas: a Exposição, que percorre todo o Brasil; o Almanaque Histórico, material multidisciplinar, destinado à utilização em sala de aula; o Livro Fotobiográfico, que será distribuído junto com o videodocumentário e o sítio na internet, que, além de contar a história de Lélia, disponibiliza, para serem baixadas, todas as peças citadas. Visite-o no endereço: www.fundacaobancodobrasil.org.br.

FUNDAÇÃO BANCO DO BRASIL

Diretoria Executiva

Presidente

José Luciano de Andrade Minchillo

Diretoria Executiva de Desenvolvimento Social

Diretor Executivo

Marcos Melo Frade

Diretoria Executiva de Gestão de Pessoas, Controladoria e Logística

Diretor Executivo

Vagner Lacerda Ribeiro

Gerentes

Secretaria Executiva - Secex

Alfredo Leopoldo Albano Junior

Gerência de Pessoas e Infraestrutura - Gepi

André Grangero Botelho

Gerência de Análise de Projetos - Gepro

Claudia Márcia Pereira

Gerência de Comunicação - Gecom

Emerson Flávia Moura Welber

Gerência de Tecnologia da Informação - Geti

Fábio Maccari Depina

Gerência de Implementação de Programas e Projetos - Geimp

Fernando Luiz da Rocha Lima Velloso

Gerência de Assessoramento Técnico - Geate

Gustavo Martins Ferreira

Gerência de Autorização de Pagamentos - Geap

Jovian Soares

Gerência de Monitoramento e Avaliação - Geam

João Bezerra Rodrigues Júnior

Gerência de Assessoramento Estratégico e Tecnologias Sociais - Gema

José Cleonir Silva de Souza

Gerência de Parcerias Estratégicas e Modelagem de Programas e

Projetos - Gepem

Maria da Conceição Cortez Gergel

Gerência de Finanças e Controladoria - Gefin

Rodrigo Octavio Lopes Neves

REDE DE DESENVOLVIMENTO HUMANO - REDEH

Coordenadora Geral

Thais Rodrigues Corral

Coordenadora Executiva

Schuma Schumaker

Conselho Consultivo

Alessandro Bessaris, Eduardo José Viola, Beth Vargas, Helena Teodoro,

Lucia Xavier, Mariétela Bezerra Bernardi, Moema Wiesner

ABRAVÍDEO - PRODUTORA CULTURAL

Presidente

Elizabeth Braga

Diretora Financeira

André Medina

Secretária

Gilberto Molina

PRODUÇÃO EXPOSIÇÃO

Coordenação Geral

Schuma Schumaker

Coordenação de Produção

Elizabeth Braga

Supervisão de Produção

Ray Godinho

TEXTOS

Antônia Ceva

Paulo Corêa Barbosa

Schuma Schumaker

Equipe de Pesquisa

Antônia Ceva

Melina Marques

Rosana Silva Chagas

Schuma Schumaker

Pesquisa Iconográfica

Antônia Ceva

Elizabeth Braga

Schuma Schumaker

Consultor para Projeto Cultural

Stanley Whibbe

Assistente Financeira

André Medina

Katia Clara Costa

Digitalização e Tratamento de Imagens

Tiño Stadon

Revisão de Texto

Artur Roman

Projeto Gráfico e Identidade Visual

Ruth Freibof Passarelo Design

Assistente de Projeto Gráfico

Phil Valtell

Imagem banner exterior:

Lélia Gonzalez | Arquivo HQ/ Foto Jansuário Garcia



3 DE UM BELO HORIZONTE PARA UMA CIDADE MARAVILHOSA...



Lélia Gonzalez, Bahia, década de 1980 | Imagem: Rêta / Imagem / Imagem

Vista aérea de Belo Horizonte, MG, década de 1930 | Imagem: P. H. / Imagem

Pão de Açúcar, Rio de Janeiro, RJ, década de 1940 | Imagem: P. H. / Imagem

Lélia de Almeida, nome de batismo, nasceu no dia 1º de fevereiro de 1935, em Belo Horizonte, capital de Minas Gerais. Filha de Acácio Joaquim de Almeida, negro e funcionário da rede ferroviária, e de Urcinda Seraphina de Almeida, de origem indígena e analfabeta, foi a décima sétima filha de um total de dezoito irmãos/ãs.

O jardim de infância, iniciado em Belo Horizonte, foi custeado por uma família italiana amiga da família Almeida. Seus irmãos e suas irmãs mais velhos/as, que já trabalhavam, também contribuíram para que estudasse.

Em 1942, a família muda-se para o Rio de Janeiro, graças ao talento do irmão Jayme de Almeida contratado pelo Clube de Regatas do Flamengo. Na Cidade Maravilhosa, foram viver no bairro do Leblon. Seu Acácio faleceu assim que chegaram.

Me recordo que cada irmã me dava uma coisinha (...) uma meinha, um sapatinho, outra fazia o uniforme (...). Estudei com muita dificuldade. Os livros eram emprestados pelas/os colegas (...) lá estudar na casa das/os colegas, até chegar na universidade.

Lélia Gonzalez



Retratos de Lélia. Em Teresópolis, na Região Serrana do Rio de Janeiro, em 1961 | Imagem: P. H. / Imagem



Dora, Lélia e Rubens (abaixo), em fevereiro de 1964 | Imagem: P. H. / Imagem



Retratos de Lélia. Em Belo Horizonte, mantendo a saudade da terra natal, em 1956 | Imagem: P. H. / Imagem

Laços de família: também no Rio de Janeiro a alegria da chegada de Rubens, quarto filho de sua irmã mais velha Dora.

Lélia tornou-se a segunda mãe do sobrinho a quem chamava carinhosamente Manéu.



Jayme: bon de bela | Imagem: P. H. / Imagem



Em 1946, Lélia iniciou o ginásio na Escola Técnica Rivadávia Corrêa, diplomando-se em 1951. Recordações deste tempo podem ser lidas em seu Diário de Lembranças.

Professora Lélia, 1971. A atuação no nível superior continua dando frutos, como a homenagem prestada por uma de suas turmas de História da Filosofia | [ver mais detalhes](#)



Na antiga Universidade do Estado da Guanabara, atual Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Lélia em 1958, aos 23 anos, torna-se bacharel em História e Geografia, e em 1962, licenciada em Filosofia | [ver mais detalhes](#)

4

**PASSO A PASSO
DE UMA LONGA
TRAJETÓRIA
ACADÊMICA...**



Formatura no ginásio: Colégio Rivadávia Corrêa, 1951 | [ver mais detalhes](#)



No Diário de Lembranças da adolescente Lélia, em 1951, o reconhecimento à sua capacidade intelectual e a certeza de um futuro promissor, registrado nos depoimentos de professores/as do Colégio Rivadávia Corrêa | [ver mais detalhes](#)



No tradicional Colégio Pedro II, no Centro do Rio, uma sólida formação no curso científico, concluída em 1954 | [ver mais detalhes](#)



Golpe de Estado: Em 31 de março de 1964 os militares tomaram o poder. Tem início 20 anos de ditadura no Brasil. Período de tortura, silêncio e exílio para muitos dos que eram contrários ao regime | [Lúcia Helena](#)

5

1964: LÉLIA SE TORNA GONZALEZ E O BRASIL UMA DITADURA

No dia 31 de março de 1964, foi instaurada a ditadura no Brasil. Com os militares no poder, a liberdade de expressão foi totalmente cerceada. Nesse contexto, Lélia ministrava aulas de Filosofia em importantes colégios do Rio de Janeiro e organizava grupos de reflexão filosófica em sua casa no bairro da Tijuca, sobre Simone de Beauvoir, Althusser e Karl Marx, dentre outras/os, que aconteciam escondidas do regime. A essa altura, Lélia já era amiga de Januário Garcia, vizinho, amigo e parceiro de militância para a vida toda. Ainda neste ano, Lélia se torna Gonzalez oficializando sua união com Luiz Carlos, quem conheceu na Faculdade de Filosofia.

Em 1965, o suicídio de seu marido trouxe à tona o que veio a ser sua bandeira de luta no movimento negro: a especificidade da mulher negra. Lélia passa a ser a precursora do feminismo negro no Brasil.



Casamento em 1964. Lélia e Luiz oficializam a vida que levavam em comum. Conheceram-se cerca de dois anos antes, como estudantes da Faculdade de Filosofia da UFG. Luiz suicida-se em 1965 | [Lúcia Helena](#)



Tornando-se negra: Ao longo da década de 1960, através do próprio corpo, foi assumindo sua identidade de mulher negra | [Lúcia Helena](#)

(...) como resultado do discurso pedagógico brasileiro, na Faculdade eu já era uma pessoa de cuja perfeitamente embranquecida, dentro do sistema. (...) após o suicídio do meu marido, eu parti pra minha negritude, pra minha condição de negra. Comecei a verificar que a grande ilusão da ideologia do branqueamento é o negro pensar que é diferente dos outros negros. (...)

Lélia Gonzalez

Quando chegou a hora de casar, eu fui me casar com um cara branco. Pronto, daí aquilo que estava reprimido, todo um processo de internalização de um discurso democrático racial veio à tona e foi um contato direto com uma realidade muito dura. A família do meu marido achava que o nosso regime matrimonial era, como eu chamo, de concubinação porque mulher negra não se casa legalmente com homem branco (...).

Lélia em entrevista ao Jornal *Pasquim*, 1986



Em 1965: Lélia na casa de uma abona no Bairro da Tijuca, Rio de Janeiro, RJ | [Lúcia Helena](#)

falar de br., antes de tudo, é falar do 8º país de maior população, do 8º país de maior população, do 8º país de maior população. É falar de 1 país que, assim, por tentativas em contrário, é culturalmente negro. 1p?

- a língua falada latência p: a distância entre língua e fala (a ausência) : ... gões. 1p a co? ... valores da ... um rebanho que ... está ... de. 1p de 2 br. (vires ...) ; o ... pago ... cot ... seu privilégio ... 1p ... 1p de sua ... e da ...



Lélia: no meio dos livros, se dividindo entre os estudos, o magistério e as publicações | [www.uel.br](#)

6 COM LETRA DE LÉLIA...



Primeiras Publicações: Em 1964 e 1966 traduzindo filosofia do francês para o português | [www.uel.br](#)

Ao concluir a faculdade (1958), Lélia lecionava em diferentes instituições particulares e no Colégio de Aplicação da Universidade do Estado da Guanabara (UEG), hoje Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). A partir da década de 1960, o seu interesse pela Filosofia se acentuou, traduzindo para o português, alguns volumes da coletânea *Compendio Moderno de Filosofia*, de autores franceses.

Já no final da década de 1970, a condição da mulher negra na sociedade brasileira tornou-se seu principal foco de luta e análise nos movimentos negro e feminista, culminando com a publicação de *Lugar de Negro*, em parceria com Hasenbalg, em 1982, e *Festas Populares no Brasil*, em 1987.

A negritude da mulher brasileira em prosa e verso... Várias histórias retratadas em uma única. Nesse artigo, Lélia narra a vida de uma menina negra e pobre do interior do Brasil que migra com a família para uma grande metrópole.



1979: jornal *Lampião da Esquina*, instrumento de resistência à censura imposta pelo governo militar. Rio de Janeiro, RJ | [www.uel.br](#)



1982: Em parceria com Carlos Hasenbalg. Buscando outras perspectivas de análise sobre o negro na sociedade brasileira | [www.uel.br](#)

1987: Lélia escreve o texto de *Festas Populares no Brasil*. Obra premiada na categoria de mais belos livros do mundo, Feira de Leipzig, Alemanha, 1989 | [www.uel.br](#)



Ação do MNU Zumbi está vivo Ato público na Candelária, Rio de Janeiro, 1983 | Arquivo UFRJ/Arquivo de História



7

NA PRÓPRIA PELE: O DESPERTAR PARA A LUTA ANTIRRACISTA E FEMINISTA



Redesenhada a partir do original



Lélia a ligs. Homenagem rabiscada, em 1979, por Mario Florício | Arquivo UFRJ/Arquivo de História

Década de 1970. Em um contexto no qual o Brasil vivia o milagre econômico e a América do Norte o movimento *Black Power*, Lélia Gonzalez assumia a sua condição de mulher negra, militando em diferentes organizações de denúncia e enfrentamento ao racismo. Uma mulher comprometida politicamente com a dignidade da sua gente.

Nessa hora encontro uma Lélia muito mais negra: assumida e com cabelo black. Toda aquela gana de seriedade e exigência se exacerbou! Ela incomodava a todos, por uma consciência negra.
Ana Maria Felipe, amiga e comadre de Lélia.

Na primeira metade da década de 1970, Lélia integrou o grupo de intelectuais e artistas negros que se reuniam no Teatro Opinião, em Copacabuna, Rio de Janeiro. O teatro de resistência e protesto surgiu após o fechamento do Centro Popular de Cultura da UNE (União Nacional dos Estudantes), em 1964, durante o regime militar.

No Centro de Estudos Afro-Asiáticos (CEAA), fundado em 1973 por José Maria Nunes Pereira, Lélia participa de reuniões que, dentre outros assuntos, discutiam as relações diplomáticas Brasil e África.



Atentado militar contra o Teatro Opinião, 1968 | Arquivo UFRJ/Arquivo de História



Na sede do Instituto de Pesquisa das Culturas Negras (IPCN), fundado em 8 de junho de 1975, Lélia acompanha um dos grupos dissidentes do Teatro Opinião. Bairro da Lapa, Rio de Janeiro | Arquivo UFRJ/Arquivo de História

8

DISCÍPULA DE LACAN E FILHA DE CANDOMBLÉ



Discípulo de Lacan. Um encontro com Lacan e consigo mesma, Lélia tornou-se uma apaixonada pela psicanálise de Jacques Lacan | [www1.fapesp.usp.br/psic/psicanalistas](#)



Cartão Postal, 1979. Filha de Oxum, no candomblé, um orgulho nas suas origens de mulher negra | [www1.fapesp.usp.br/psic/psicanalistas](#)



Presença na fundação do Colégio Freudiano do Rio de Janeiro (CFRJ) e coordenação do Setor de Leitura de Freud | [www1.fapesp.usp.br/psic/psicanalistas](#)

No momento em que você se choca com a realidade de uma ideologia preconceituosa e discriminadora que aí está, a sua cabeça dá uma dança incrível. Tive que parar num analista e a análise nesse sentido me ajudou muito. A partir daí fui transar o meu povo mesmo, ou seja, fui transar candomblé (...). Mas enfim: voltei às origens, busquei as minhas raízes (...).

Lélia Gonzalez, 1980

A PSICANÁLISE E O CANDOMBLÉ: SE RECONCILIANDO CONSIGO MESMA

Início dos anos 1970. Lélia se aprofundou nos estudos de Jacques Lacan, psicanalista francês e seguidor de Sigmund Freud, o pai da psicanálise. Foi uma época, para ela, de contestação do processo de branqueamento, consequência de sua formação acadêmica. A necessidade de resgatar suas origens e ancestralidade a levaram à psicanálise e ao candomblé, religião de matriz africana.



Trabalha, em 1976, Freud e a Psicanálise de Octave Mannoni | [www1.fapesp.usp.br/psic/psicanalistas](#)

TRILHOS E TRILHAS DE UMA VIDA!



O candomblé e a psicanálise. Outros sentimentos para envergar um mundo de altos e baixos para aquelas que, além de mulheres, eram negras. Cosme Velho, Rio de Janeiro, década de 1980 | [www1.fapesp.usp.br/psic/psicanalistas](#)



Lélia e outras lideranças negras foram testemunhas do gesto de Abdlas do Nascimento, que beijou a terra de Palmares, em homenagem aos guerreiros e às guerreiras quilombolas que viveram, lutaram e foram massacrados/as em 1695 | [Arquivo de Lélia Gonzalez](#)

Aqui, nas Alagoas, um grupo de mulheres de diferentes Estados preparou-se para subir a Serra da Barriga, onde se situava a capital de Palmares. (...) E, lá no alto da Serra, ficamos pensando nas palanarinas, que preferiram matar os próprios filhos e se suicidarem em seguida, para não se deixarem escravizar.

Lélia Gonzalez, 1981



Dia Nacional da Consciência Negra, Serra da Barriga, Alagoas 1981 | [Arquivo de Lélia Gonzalez](#)

9 MANIFESTAÇÕES NEGRAS COMO ELEMENTO DE CONSCIENTIZAÇÃO POLÍTICA

Em curso: A cultura como elemento de conscientização política.



Proposta do curso de Lélia na EAV: A africanização da cultura brasileira | [Arquivo de Lélia Gonzalez](#)

Em 1976, Lélia redimensionou sua militância política e atividade docente.

Na Escola de Artes Visuais do Parque Lage, no Rio de Janeiro, ministrou o 1º Curso de Cultura Negra do Brasil.

Para ela a formação cultural brasileira não poderia deixar de considerar o tripé que lhe deu origem e que, portanto, era o seu suporte: a cultura africana, indígena e europeia. (...) No entanto, enfrentamos o problema de que as manifestações dos negros e dos indígenas são classificadas como folclore e colocadas em museus de curiosidade, de coisas exóticas.

Lélia Gonzalez, 1983

Quando soube da escolha do tema, me dei conta da responsabilidade que tenho enquanto militante negra.

Lélia Gonzalez, 1978

Pensar a cultura brasileira como elemento de conscientização política tornou-se, a partir de então, uma de suas bandeiras de luta no movimento negro.



Para comemorar os 90 Anos da Abolição no Brasil, Lélia foi a inspiração do compositor e intérprete Candêia | [Arquivo de Lélia Gonzalez](#)

Reunindo artistas, como Zezé Mota, a EAV tornou-se um dos maiores espaços político-cultural da Cidade Maravilhosa | [Arquivo de Lélia Gonzalez](#)



Escola de Artes Visuais (EAV), Parque Lage, Rio de Janeiro. Sede do 1º Curso de Cultura Negra do Brasil, 1976 | [Arquivo de Lélia Gonzalez](#)



Lélia, Benedita da Silva, Jurema Batista e outras lideranças negras em ação no Nzinga, Morro do Andaraí, Rio de Janeiro, década de 1980 | [Arquivo do Instituto Moreira](#)



10

1980: UMA GUERREIRA NZINGA E UM BOM CONSELHO

A década de 1980 começou com grandes reordenamentos políticos no Brasil. Com a abertura política, em 1979, a Aliança Renovadora Nacional (Arena), partido que sustentava o regime militar, foi rebatizada de Partido Democrático Social (PDS) e o Movimento Democrático Brasileiro (MDB) tornou-se Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB). Nessa efervescência, Lélia e outras lideranças negras femininas, dentre elas: Pedrina de Deus, Jurema Batista, Elizabeth Viana, e outras companheiras fundam, em 1983, o Nzinga – Coletivo de Mulheres Negras, nome em homenagem a uma rainha africana nascida no século XVI na atual Angola.



Campanha do CNDM. Digam não à Violência Contra a Mulher. Brasília, DF, novembro de 1985 | [Arquivo do Instituto Moreira](#)

CONSELHO NACIONAL DOS DIREITOS DA MULHER (CNDM)



Posse da Primeira presidenta do CNDM, Ruth Escobar. Brasília, DF, 1985 | [Arquivo do Instituto Moreira](#)



Em 1985, Lélia, Rose Marie Muzaro, Ruth Cardoso, e outras feministas, foram nomeadas Conselheiras do CNDM. Brasília, DF | [Arquivo do Instituto Moreira](#)



Campanha Eleitoral, 1982, Candelária, Rio de Janeiro. Palco de caminhadas e grandes manifestações populares | [Imagem: Foto: Sebastião Salgado](#)



Vestindo a camisa do PT, 1982 | [Imagem: Sebastião Salgado](#)

Na efervescência da década de 1980, Lélia tornou-se Membro do Diretório Nacional do Partido dos Trabalhadores (PT). Em 1982, candidatou-se à Deputada Federal pela legenda do PT, alcançando a primeira suplência. Sua campanha política priorizou os direitos das mulheres, dos negros e dos homossexuais.

11

LÉLIA TOMANDO PARTIDO

Por questões ideológicas, desligou-se do PT, em 1985. No ano seguinte, possivelmente influenciada por Abdias do Nascimento, filiou-se ao PDT e candidatou-se à Deputada Estadual.



Lélia em cartaz. Caminhada pelas ruas do Centro Histórico do Rio de Janeiro, RJ, 1982 | [Imagem: Foto: Sebastião Salgado](#)



Com o filho Rubens. Uma força fundamental na campanha, 1982 | [Imagem: Foto: Sebastião Salgado](#)

A mulher na Assembleia

PDT

LÉLIA GONZALES

Por uma sociedade justa, igualitária e democrática

Para Deputada Estadual

LÉLIA GONZALES

LÉLIA GONZALES

Deputado Estadual (PDT)

Lutas Prioritárias:

- Pela organização da comunidade negra na conquista efetiva de seus direitos de cidadania individual;
- Contra toda forma de violência e opressão praticadas em relação à mulher;
- Contra toda forma de violência e discriminação social ou salarial por motivo de raça ou sexo;
- Pelo respeito às opções sexuais dos indivíduos;
- Por uma reforma agrária e urbana efetivas;
- Por uma política econômica sem concentração financeira, sem êxodo salarial e sem desemprego;
- Pela livre organização das classes trabalhistas;
- Por uma reforma educacional que garanta ensino gratuito e democrático, respeitando a cultura nacional;
- Pela implementação de relações com a África do Sul.

Filha de mãe índia e pai negro brasileiro, Lélia Gonzales graduou-se em História e Filosofia. Fez ainda pós-graduação em Comunicação e Antropologia, com cursos livres em Sociologia e Psicologia. Professora com longa experiência de trabalho em escolas, colégios e universidades, Lélia Gonzales é, atualmente, professora de Cultura Popular Brasileira da Proreitoria da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ).

É também fundadora do Movimento Negro Unificado - Viva Presidente Cultural do Instituto de Pesquisa das Culturas Negras (IPCN).

É membro do Conselho Deliberativo do Memorial Zumbi, do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher e do Conselho Diretor da Sociedade Internacional para o Desenvolvimento com ênfase em África.

Primeira mulher negra a sair do país para divulgar as condições em que vive a mulher negra brasileira. Vice-Presidente do 1º e 2º Seminários da ONU sobre "A Mulher e o Apartheid" (Montreal-Canadá e Helsinque-Finlândia, 1980). Representante brasileira no Fórum de Meio Ocidente da Mulher (Cherbourg-Canadá, 1983). Convidada Especial da ONU para a conferência sobre "Séculos contra a África do Sul" (Paris-França, 1983). Representante brasileira no seminário "Um Outro Desenvolvimento com as Mulheres" (Genebra-Suíça, 1982). Representante brasileira no Fórum de Desenvolvimento da Oitavo da Mulher (Nantes-Quênia, 1985).

Dirige "Mulher do Rio" pelo Conselho Nacional dos Direitos da Mulher em 1981. Lélia Gonzales redigiu artigos e livro sobre as condições de exploração e opressão do negro e da mulher.

Para Vice-Governador

CIBILIS VIANA

No PDT. Cartaz da Campanha, 1986 | [Imagem: Foto: Sebastião Salgado](#)

No Brasil nós não falamos o português, mas o pretuguês, dada a fortíssima influência de línguas africanas na nossa formação histórico-cultural (...). Nós não estamos aqui para recuperar uma cultura africana pura; isso é besteira, não existe. Mas, é neste contexto da realidade brasileira que vemos a contribuição que as culturas africanas trouxeram, não só para nós negros, mas para nós brasileiros (Lélia, 1983). Os escritos de Lélia traduzem a africanização da nossa brasilidade. Seja no pretuguês, na amefricanidade, ela buscava argumentos para reforçar suas teorias.



Lélia em seu gabinete, no Planetário da Gávea, reescrevendo a História do Brasil sob a ótica da mulher negra. Rio de Janeiro, RJ, 1987 | [Arquivo pessoal](#)

12

PENSANDO, ESCREVENDO E PUBLICANDO EM PRETUGUÊS



Sem papas na língua. Artigo de Lélia publicado na Folha de São Paulo, 1982 | [Arquivo de Lélia](#)



Journal *Mistérios do Fantasma* | [Arquivo pessoal](#)

(...) caracterizamos o termo *amefricanas/amefricanos* como nomeação de todos os descendentes dos africanos que não só foram trazidos pelo tráfico negro, como daqueles que chegaram à América antes de seu descobrimento por Colombo.

Lélia Gonzalez, 1988. *Jornal Matorra Falante*



Lélia no prefácio do *Cânticos Negros*, 1982 | [Arquivo pessoal](#)



Um dedo de prosa. Nesse artigo, Lélia analisa a situação da mulher negra no Brasil. São Paulo, 1981 | [Arquivo de Lélia](#)

DO BRASIL...

... PARA O MUNDO

Navegando rumo à África e suas origens de mulher negra |

13

A MILITÂNCIA ROMPE FRONTEIRAS: A ARTICULAÇÃO DE LÉLIA COM O MOVIMENTO NEGRO INTERNACIONAL



Seminário 1985 & Beyond, Baltimore, Estados Unidos, com Angela Davies, 1984 |



Evento promovido pela ONU, Resource Person, Viena, Áustria, 1984 |



Simpósio em Apolo à Luta do Povo da Namíbia por sua Autodeterminação e Independência, San José, Costa Rica, 1983 |



Pé na África, finalmente. Primeira viagem ao continente negro, com o amigo cubano Carlos Moore, Dakar, Senegal, 1978 |



Lélia e Benedita da Silva, Dakar, Senegal, 1986 |



Com o poeta antilhano Almécides Amílhos, Miami, Estados Unidos, 1987 |



Um outro modelo de desenvolvimento com as mulheres, Dakar, Senegal, 1982 |



Salve Zumbi! 20 de novembro de 1988 | [Arquivo de Zumbi dos Palmares](#)

(...) Zumbi, herói nacional, foi liquidado pela traição das forças colonialistas, o grande líder do primeiro Estado livre de todas as Américas, coisa que não se ensina às nossas crianças nas escolas.

As nossas crianças não sabem, e quando eu falo de nossas crianças, tô falando de crianças negras, brancas, amarelas, não sabem que o primeiro Estado livre de todo continente americano surgiu no Brasil e foi criado pelos negros (...).

Discurso de Lélia Gonzalez na Marcha Negra, 1988



Movimento Negro Contra a Farsa da Abolição, Central do Brasil, Rio de Janeiro, 1988 | [Arquivo de Movimento Negro](#)

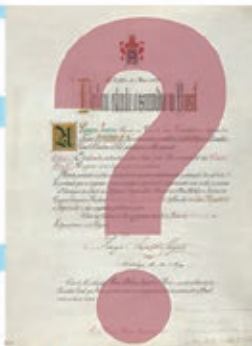
14

CEM OU SEM ANOS DE ABOLIÇÃO DA ESCRAVATURA

O ano de 1988 foi marcado por comemorações, protestos e conquistas do movimento negro brasileiro. A carta constitucional foi aprovada. Desde então, a prática do racismo constitui crime inafiançável e imprescritível, sujeito à pena de reclusão, nos termos da lei (art. 5º, XLII). Também, aos remanescentes de quilombos que estivessem ocupando suas terras, foi reconhecida a propriedade definitiva, de acordo com o art. 68º da Constituição Federal Brasileira. Atualmente, mais de 1500 comunidades quilombolas espalhadas pelo território nacional estão certificadas pela Fundação Palmares.



Lélia Gonzalez, Bahia, década de 1980 | [Arquivo de Lélia Gonzalez](#)



Lei Áurea. Botando a boca no trombone parte dos protestos Contra a Farça da Abolição | [Arquivo de Lélia Gonzalez](#)



Forças Militares Fiscalizando a caminhada Contra a Farsa da Abolição, 1988 | [Arquivo de Movimento Negro](#)

Lélia Gonzalez ao contra e do seu lado direito, o amigo Jamario Garcia, Dia Nacional da Consciência Negra, Serra da Barriga, Alagoas, 1981 | [Arquivo de Lélia Gonzalez](#)



Nos anos 1990, Lélia priorizou as atividades acadêmicas. Em entrevista concedida ao *Jornal do Movimento Negro Unificado* (MNU) em 1991, fez uma autocrítica por ter mergulhado de cabeça na militância, deixando sua vida pessoal em segundo plano.

Após voltar de sua última viagem à África, passou a enfrentar problemas de saúde. Empossada diretora do Departamento de Sociologia e Política da PUC-Rio, em 30 de maio de 1994, atuou até falecer em 10 de julho do mesmo ano.



Dakar, julho de 1979 | [Arquivo Lélia Gonzalez](#)



Entrevista ao *Jornal do MNU* | [Arquivo Lélia Gonzalez](#)

ALGUMAS HOMENAGENS:



Lélia em cartaz | [Arquivo Lélia Gonzalez](#)



Prêmio Lélia Gonzalez - Protagonismo de Organizações de Mulheres Negras. Iniciativa da SEPPPIR e SPM, criado em 2013 | [Arquivo Lélia Gonzalez](#)



Ratts e Rios, 2016. Um bom mais acadêmico para traduzir Lélia Gonzalez | [Arquivo Lélia Gonzalez](#)



Em 2003, a amiga Ana Maria Felipe cria o site: www.leliagonzalez.org.br | [Arquivo Lélia Gonzalez](#)

15 COMO CANGIRAUÉ*, LÉLIA FOI PARA O ORUM*

(...) eu vejo meu próprio caso. É uma autocrítica o que eu estou fazendo também. Eu achava que tinha que estar em todas (...) agora eu estou catando os pedaços para poder seguir minha existência...

Lélia Gonzalez ao *Jornal MNU*, maio/junho/julho de 1991



10 de julho de 1994. Como cangiraué (passarinho), Lélia foi para o Orum (mundo dos espíritos) | [Arquivo Lélia Gonzalez](#)



Yotê: o jogo da nossa história, MEC/SECADI, 2010 um jogo pedagógico para as escolas | [Arquivo Lélia Gonzalez](#)



Lélia no calendário Mulheres no palco da história, 2010/2011 | [Arquivo do Movimento Mulheres do Brasil - 2010/2011](#)

Concedido pela Central Única dos Trabalhadores do Rio de Janeiro (CUT/Rio) às mulheres negras trabalhadoras | [Arquivo Lélia Gonzalez](#)

**cangiraué* - passarinho, palavra de origem africana utilizada pelos remanescentes quilombolas de Milho Verde, Minas Gerais. (In: Minas de Quilombos, 2008, Redeh)

**orum* = mundo dos espíritos habitado pelos orixás, palavra de origem africana utilizada no candomblé.

16

A HERANÇA DEIXADA POR SUA MILITÂNCIA PARA O SÉCULO XXI

(...) nós somos os despossuídos deste país. As classes trabalhadoras, os setores oprimidos, como a mulher e o negro, temos que ir à luta, tranquilamente, pois nós não temos nada a perder. Chega de mordida em cima da gente; chega de canga sobre o pescoço. É hora de nós nos levantarmos para fazer uma sociedade justa, democrática, pois democracia significa reconhecer e respeitar as diferenças.

Lélia Gonzalez, 1983



(...) vi aquele fecho de luz diante da turma, numa aula de história em um colégio estadual em Bonsucesso. Naquela hora, Lélia não sabia seu significado para a humanidade, para a ancestralidade.

Ana Morán Felipe



Eu não sabia nada sobre candomblé (...). Quando sai pelo mundo para divulgar Chica da Silva, as pessoas me perguntavam sobre cultura negra e eu não sabia nada. Então fiz um curso com a antropóloga Lélia.

Zezé Motta



Sempre quando penso em Lélia, me vem aquele sorriso escancarado de quem, apesar das dificuldades vivenciadas pelo preconceito racial e de gênero, tinha tanto orgulho de ser mulher e negra.

Jurema Batista



Lélia guerreou, trabalhou, amou, estudou, participou, rompeu obstáculos, viveu para enfrentar o racismo e o sexismo vigentes em nossa sociedade.

Nilma Bentes



Lélia Gonzalez, festa do Bordin, 1981

Divulgação: Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand



(...) foi uma intérprete do Brasil da ótica da gente negra e das mulheres. (...) Lélia tem um lugar especial no coração e na ação política das mulheres, negros, essas maiorias silenciadas, mas não silenciosas que, como ela, vêm reescrevendo a história do Brasil.

Sueli Carneiro

© Arquivo do Museu de Arte de São Paulo



(...) Lélia elaborou uma reflexão histórica de como o povo brasileiro, o povo negro, a mulher negra constituíram-se personagens de outra história.

Elizabeth Viana

© Imagem: Jurema Batista



Conheci Lélia Gonzalez quando entrei para o Movimento Negro Unificado (MNU) em 1979. Ela era membro da Comissão Executiva Nacional, e a todos surpreendia pelo comportamento ousado, a risada de corpo inteiro, o linguajar popular, bem ao modo do falar carioca, salpicado de expressões acadêmicas...

Lulza Bairros

© Arquivo do MNU

2004. UMA CARTA PARA TI, LÉLIA GONZALEZ: SAUDADES DE QUEM NÃO TE CONHECEU.

Apreendi com você que não sou apenas negra, mas americana (...). estudando sobre a sua vida, pude perceber que a nossa luta é muitas vezes solitária. Mas (...) somos muitas porque carregamos dentro de nós as nossas ancestrais e a esperança de outras mulheres negras.

Raquel de Andrade